

Coro e Orquestra Gulbenkian

Florian Helgath
Johanna Winkel
Marianne Beate Kielland
Tilman Lichdi
Krešimir Stražanac



20 — 22 dez 23

20 dez 23 QUARTA 20:00

21 dez 23 QUINTA 20:00

22 dez 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Florian Helgath Maestro

Johanna Winkel Soprano

Marianne Beate Kielland Meio-Soprano

Tilman Lichdi Tenor

Krešimir Stražanac Baixo-Barítono*

Francisco Lima Santos Violino

Amalia Tortajada Flauta

Pedro Ribeiro / Nelson Alves Oboés e Oboés d'amor

Alice Caplow-Sparks / Elizabeth Lucy Kicks Cornes ingleses

Jorge Pereira / José Pedro Pereira / Ricardo Vitorino Trompetes

BAIXO CONTINUO

Varoujan Bartikian Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Vera Dias Fagote

Fernando Miguel Jalôto Órgão

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Johann Sebastian Bach

Oratória de Natal BWV 248

CANTATA I. *Para o Primeiro Dia do Natal*

CANTATA II. *Para o Segundo Dia do Natal*

INTERVALO

CANTATA V. *Para o Primeiro Domingo do Ano Novo*

CANTATA VI. *Para a Festa da Epifania*

* Por motivo de força maior, o barítono Tobias Berndt é substituído por Krešimir Stražanac

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 10 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Oratória de Natal BWV 248

Cantatas I, II, V e VI

—

COMPOSIÇÃO 1734

ESTREIA Leipzig, 1734-35

DURAÇÃO c. 1h 50 min.

Em 1734, ano da estreia da *Oratória de Natal* BWV 248¹, Johann Sebastian Bach encontrava-se em Leipzig, onde vivia desde 1723. A mudança para Leipzig, depois de Arnstadt, Mühlhausen, Weimar e Cöthen, vinha na sequência da morte de Johann Kuhnau, em 1722, até então *Kantor* da Thomaskirche (Igreja de São Tomé). Apesar de não ter sido a primeira escolha (os membros do Conselho teriam preferido Georg Philipp Telemann ou Christoph Graupner que, contudo, não puderam aceitar), em maio de 1723 Bach era finalmente nomeado *Kantor* na Thomasschule e *Director Musices*, cargo que envolvia uma série de tarefas, tais como ensinar música, latim, tocar órgão, ensaiar o coro, ou compor para as duas principais igrejas luteranas da cidade, Thomaskirche e Nikolaikirche. Das suas obrigações fazia ainda parte supervisionar duas outras igrejas (Matthäeikirche e Petrikerche), contratar músicos e cantores para os serviços religiosos e desempenhar funções como diretor musical da universidade. Entre 1729 e 1741, Bach dedicou-se

ainda à direção do *Collegium Musicum* (fundado em 1702 por Telemann), que reunia sobretudo estudantes e músicos, amadores e profissionais, em serões musicais, e a organização semanal de concertos instrumentais ou de música vocal dramática. Bach ficaria em Leipzig até ao fim da sua vida, em 1750, e, nesta fase, comporia uma miríade de obras de que são exemplos a Missa em Si menor, a *Paixão Segundo São João*, a *Paixão Segundo São Mateus*, mais de três centenas de cantatas, ou a *Oratória de Natal* em programa. Somam-se ainda obras como *A Oferenda Musical*, o segundo volume de *O Cravo Bem Temperado*, ou *A Arte da Fuga*, que ilustram o caráter sistemático e exaustivo da sua composição.

Numa tradição herdada dos *Kantors* que o haviam precedido em Leipzig, Bach dedicou-se intensivamente à música sacra, compondo para as festividades religiosas e para as celebrações dominicais, nomeadamente através da criação de ciclos anuais de cantatas que, no seu todo, configuram mais de 300 obras, uma

¹ Melamed, Daniel R., *Listening to Bach: The Mass in B Minor and The Christmas Oratorio*, Oxford University Press, 2018; Varwig, Bettina, *Rethinking Bach*, Oxford University Press, 2021.

parte delas hoje consideradas perdidas. A cantata era, então, uma componente importante da liturgia luterana em Leipzig, sendo interpretada depois da leitura dos Evangelhos, e antes do *Credo* e do sermão. A *Oratória da Natal* era, justamente, concebida como a compilação de uma série de seis cantatas, pensadas para serem apresentadas em dias distintos, cada uma completa em si mesma.

Talvez pelo excesso de trabalho que acompanhava os seus dias, mas numa prática bastante comum à época, muito do material musical destas cantatas provém de obras vocais anteriores. As oratórias de Bach, que incluem ainda a *Oratória de Páscoa* e a *Oratória de Ascensão*, ambas de 1735, são, de facto, essencialmente paródias no sentido musical, ou seja baseiam-se em obras já existentes. Nas Cantatas I a IV da *Oratória de Natal*, por exemplo, são usados intertextualmente materiais de duas cantatas seculares distintas de tom festivo e plenas de alegorias e dramatismo: *Lasst uns sorgen, lasst uns wachen* BWV 213, composta para o aniversário de Friedrich Christian, que viria a ser mais tarde Príncipe Eleitor; e *Tönet, ihr Pauken! Erschallet, Trompeten* BWV 214, para o aniversário de Maria Josepha, Rainha da Polónia e Eleitora da Saxónia, escritas em 1733.

Importa, todavia, salientar a frescura do material musical composto de raiz, nomeadamente nos coros bíblicos, bem como a utilização dos corais enquanto elemento unificador, alternando com árias de solistas e recitativos onde a história bíblica nos vai sendo narrada.

O uso de textos dos Evangelhos confere um carácter muito particular a esta obra, ligando-a à tradição luterana das narrativas das *historiae* bíblicas, bem como às *Paixões*, numa linhagem que provém desde Schütz. Na verdade, também a concepção da *Oratória de Natal* ao longo de vários dias parece remeter para a *Abendmusiken*, as sessões musicais em Lübeck, e consequentemente para a influência de Buxtehude.

Composta entre outubro e dezembro de 1734, a *Oratória de Natal* foi apresentada na Thomaskirche e na Nikolaikirche, entre os dias 25 de dezembro de 1734 e 6 de janeiro de 1735, os 13 dias das festividades natalícias: O Nascimento de Jesus; a Anunciação dos Pastores (26 de dezembro); a Adoração dos Pastores (27 de dezembro); a Festa da Circuncisão (1 de janeiro); a viagem dos Reis Magos (no primeiro domingo do Ano Novo que, em 1735, foi a 2 de janeiro); A Festa da Epifania (Adoração dos Reis Magos, a 6 de janeiro). Não obstante esta concepção seccionada, as várias cantatas apresentam uma continuidade musical e narrativa. A interpretação moderna da obra, integral, permite-nos compreender as ligações entre as várias partes, mas também os contrastes, a utilização das tonalidades, as combinações de instrumentação, algo que porventura não teria sido tão claro para o público da época. Como exemplos desta concepção alargada, verificamos que as cantatas circulam sequencialmente pelas tonalidades relacionadas de Ré maior, Sol maior, Ré maior, Fá maior, Lá maior, fechando o ciclo de novo em Ré maior, na Cantata VI; ou que a melodia do coral *O Haupt voll Blut und Wunden*, presente

tanto na primeira como na última cantata, participa de igual modo na unidade da obra, estabelecendo uma ligação com as *Paixões*, onde também figura.

O texto da *Oratória de Natal* conta-nos a história da Natividade, a partir dos primeiros 21 versículos do segundo capítulo do Evangelho Segundo São Lucas (nas quatro primeiras cantatas) e dos primeiros doze versículos do segundo capítulo do Evangelho Segundo São Mateus (nas últimas duas). O libreto terá sido muito provavelmente da autoria de Christian Friedrich Henrici, conhecido pelo pseudónimo Picander, parceiro de Bach em várias outras obras, de que é exemplo a *Paixão Segundo São Mateus* (1727). O Evangelista, um tenor solista que cumpre a função de narrador, apresenta aqui (e à semelhança do que havia acontecido nas *Paixões*), uma série de secções em recitativo *secco*, acompanhado apenas pelo baixo continuo. Em contrapartida, as árias dos quatro solistas vocais proporcionam-nos momentos de reflexão, num dispositivo dramático que se centra sobretudo na narrativa e na contemplação, e não tanto no diálogo ou na confrontação entre as personagens. Por outro lado, é também de referir a importância dos corais, certamente familiares à congregação: introduzidos nos serviços religiosos desde Martinho Lutero, os corais permitiam aos fiéis assumir uma parte activa nas cerimónias. Para além das secções do coro particularmente exultantes, na *Oratória de Natal* são de evidenciar as harmonizações corais caracterizadas pela grande mobilidade das linhas de baixo, a par com a refinada

e elegante polifonia nos contraltos e tenores, certamente informadas pela experiência do compositor enquanto organista. Salientamos também a instrumentação original de Bach, cujo colorido orquestral permite explorar diversas texturas tímbricas ao longo da obra.

A **Cantata I** abre com *Jauchzet, frohlocket* (“Exultai, rejubilai!”), uma exortação à celebração onde é de destacar o papel do coro, pontuado eloquentemente pelos tímpanos e pelos trompetes. A narrativa, que nos é contada pelo Evangelista, envolve a partida para Belém de Maria e José, a expectativa da vinda de Jesus como noivo prometido de Sião (na ária de contralto *Bereite dich, Zion*), e a exaltação do nascimento de Jesus na ária de baixo *Großer Herr*, onde o trompete anuncia o tom de festividade. Composta por nove andamentos, esta primeira cantata termina docemente com o coral *Ach mein herzliebes Jesulein* (“Ah, Menino Jesus, meu bem amado”).

A **Cantata II**, assente em 14 andamentos, começa com uma Sinfonia pastoral, bucólica e contemplativa. Aqui, o Evangelista que narra a acção conta como o Anjo aparece aos pastores anunciando o nascimento do Salvador. Destacamos a ária para tenor *Frohe Hirten* (“Acorrei, pastores, cheios de alegria”), com um importante papel da flauta que dá continuidade ao tom campestre, intimista, e delicado desta secção; bem como *Schlafe, mein Liebster* (“Dorme, meu doce menino”), um embalo em que Maria vela o sono do seu filho.

No coro inicial da **Cantata V**, *Ehre sei dir, Gott, gesungen* (“Cantemos em vossa honra, Senhor”), os oboés d’amore destacam-se na textura orquestral, em diálogo com as cordas e com as vozes. A narrativa, agora do Evangelho Segundo São Mateus, segue a chegada dos Reis Magos a Jerusalém para falar com Herodes sobre Jesus. *Zwar ist solche Herzensstube* (“O meu pobre coração não é na verdade/ Nenhum palácio sumptuoso”) é o último dos 11 andamentos desta cantata, um coral que anuncia a luminosidade da misericórdia divina sobre os corações sombrios.

Na **Cantata VI**, “Para a Festa da Epifania”, também em 11 andamentos, retomamos o ambiente exultante da primeira cantata. No contrapontístico coro inicial *Herr, wenn die stolzen Feinde schnauben* (“Senhor, quando os inimigos arrogantes resfolgam no seu ódio”), o trompete volta a assumir a função festiva, anunciando

que Cristo triunfará, bem como a sua fé. Nesta última parte da *Oratória*, o Evangelista leva-nos até Belém narrando como, depois do encontro com o pérfido Herodes, os Reis Magos seguiram a Estrela, rejubilando por terem encontrado Jesus, e oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra. Deus avisa-os em sonho para não voltarem a Herodes, e eles finalmente regressam à sua terra seguindo outro caminho. Depois da ária *Nun mögt ihr stolzen Feinde schrecken* (“Agora podeis fugir, inimigos orgulhosos”), para tenor e dois oboés d’amore, segue-se o recitativo final, em quarteto. O último coral, *Nun seid ihr wohl gerochen* (“Agora estais vingados”), brilhante e triunfal, termina com a reconfortante mensagem de que o lugar da Humanidade é junto de Deus: *Bei Gott hat seine Stelle / Das menschliche Geschlecht*.

ROSA PAULA ROCHA PINTO

Florian Helgath

Como Diretor Artístico do Chorwerk Ruhr e da Zürcher Sing-Akademie, o maestro alemão Florian Helgath tem liderado interpretações de topo da música coral de todos os períodos históricos. Anteriormente, dirigiu o Coro Nacional Dinamarquês e foi Diretor Artístico do Via Nova Chor (Munique). É um convidado regular do Coro da Rádio da Baviera, do SWR Vokalensemble, do MDR Rundfunkchor, do Coro da Rádio dos Países Baixos e do Coro da Rádio Flamengo. Colabora também com orquestras sinfônicas e, no domínio das interpretações históricas, realizou projetos com a Freiburg Barockorchester, a Orchestra La Scintilla, a Concerto Köln, a Akademie für Alte Musik Berlin e a B'Rock Orchestra. A sua discografia recebeu o *Preis der deutschen Schallplattenkritik* (2022), o ICMA (2017) e o *ECHO Klassik* (2017). Em 2018, a gravação do *Requiem* de Tigran Mansurian, com o RIAS Kammerchor e a Orquestra de Câmara de Munique foi nomeada para os *Grammy*. Florian Helgath estudou na Universidade de Música e Teatro de Munique. Teve como professores Michael Gläser, Stefan Parkman e Dan-Olof Stenlund. Foi finalista premiado no *Eric Ericson Award* (2006), no Concurso de Budapeste para Jovens Diretores Corais e no Fórum de Diretores Corais da Rádio da Baviera (2007). Desde outubro de 2020, é professor na Universidade de Música e Dança de Colónia.

Johanna Winkel

Johanna Winkel afirmou-se inicialmente no domínio da Música Antiga. Desde então, tem vindo a expandir consistentemente o seu âmbito estilístico, incluindo os repertórios romântico e moderno. Em concerto, cantou com os agrupamentos musicAeterna, sob a direção de Teodor Currentzis, Orquestra Beethoven

de Bona e Christof Prick, Sinfónica da Rádio Sueca e Peter Dijkstra, Sinfónica WDR de Colónia e Simon Halsey, e Orquestra do Konzerthaus de Berlim e Iván Fischer, entre muitos outros. Depois de, durante os seus estudos, ter interpretado Mimi (*La bohème*), Donna Elvira (*Don Giovanni*) e Micaëla (*Carmen*), acrescentaria ao seu repertório de ópera os papéis de Alcina (Händel), Rosalinde (*O Morcego*), Agathe (*Der Freischütz*) e Leonore (*Fidelio*). Em 2017 estreou-se no Festival de Salzburgo como Gerhilde (*A Valquíria*), tendo voltado a este papel wagneriano com a Filarmónica de Hong-Kong e Jaap van Zweden e também na Semperoper Dresden. Desde 2016, o papel de Leonore tornou-se numa das suas atuações mais elogiadas. Como solista, participou em muitas gravações premiadas, incluindo *Die letzten Dinge*, de Louis Spohr, com a Bremen Kammerphilharmonie, *Moisés e Aarão* de Schönberg, com a Sinfónica SWR, e a *Sinfonia Lírica* de Zemlinsky, com a Sinfónica da Rádio Nacional Polaca.

Marianne Beate Kielland

Marianne Beate Kielland estudou na Academia Norueguesa de Música com Svein Bjørkøy. Iniciou a sua carreira internacional na Staatsoper Hannover e, ao longo das últimas décadas, afirmou-se como uma das principais cantoras escandinavas. Colabora regularmente com as grandes orquestras e com os mais importantes agrupamentos e maestros de renome internacional no domínio da música antiga. É também muito solicitada para interpretar papéis de ópera barroca, tais como: Merope, em *L'oracolo in Messenia* de Vivaldi (numa extensa digressão com a orquestra Europa Galante); Mensageira e Proserpina, em *L'Orfeo* de Monteverdi; Fernando, em *La fede nei tradimenti* de Attilio Ariosti; Apollo, em *Terpsichore* de Händel; Ercole, em *Il più bel nome* de Caldara; ou Aronn, em *Il Faraone*

Sommerso de Francesco Fago. Realizou mais de cinquenta gravações de oratórias, óperas, cantatas e canções. Em 2012 foi nomeada para os *Grammy*, na categoria de “Melhor Álbum Vocal Clássico”, pela gravação de *Veslemøy Synsk*, que inclui obras de Edvard Grieg e Olav Anton Thommessen. Colabora regularmente com o pianista Nils Anders Mortensen, mas também se apresentou em recitais com Leif Ove Andsnes, Pascal Roge, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle e Jos van Immerseel.

Tilman Lichdi

Tilman Lichdi afirmou-se como um importante intérprete das grandes obras corais e do repertório da canção de câmara, em particular como Evangelista das *Oratórias e Paixões* de J. S. Bach. Entre 2005 e 2013, pertenceu ao elenco do Staatstheater Nürnberg, onde interpretou vários personagens de ópera, incluindo: David e Timoneiro, em *Os Mestres Cantores de Nuremberga* e *O Navio Fantasma* de Wagner; Tamino, Ferrando, Belmonte, Don Ottavio e Conde Belfiore, em *A flauta mágica*, *Così fan tutte*, *O rapto do serralho*, *Don Giovanni* e *La finta giardiniera* de Mozart; e Conde Almaviva, em *O barbeiro de Sevilha* de Rossini. Recebeu a Medalha Richard Strauss e o Prémio de Promoção da Arte da Baviera 2012. Entre as muitas gravações que realizou, duas se destacam notavelmente: *A Bela Moleira* e *Viagem de Inverno*, de Schubert, com novos arranjos para voz e guitarra. Para além das atuações a nível internacional, é professor de estudos vocais na Academia de Música de Darmstadt. Tilman Lichdi cresceu em Heilbronn, na Alemanha. Durante quatro anos, estudou trompete com Günther Beetz, em Mannheim, antes de iniciar o seu treino vocal aos dezoito anos. Estudou canto com Alois Treml, em Estugarda, e com Charlotte Lehmann, em Würzburg, tendo-se diplomado com distinção.

Krešimir Stražanac

O baixo-barítono croata Krešimir Stražanac tem vindo a apresentar-se, com igual sucesso, em récitas de ópera, concertos e recitais. Aos 24 anos tornou-se membro permanente da companhia da Ópera de Zurique. Na temporada 2021-2022, estreou-se no papel principal de *Orpheus* de Telemann, numa digressão europeia sob a direção de René Jacobs, e no papel de Ruggiero, em *La Liberazione di Ruggiero* de Francesca Caccini, no Theater an der Wien. O seu repertório de ópera inclui ainda os papéis de Tusenbach, em *Três irmãs* de Péter Eötvös, Creon, em *Oedipus Rex* de Stravinsky, Ping em *Turandot* de Puccini, Arlequim, em *Ariadne auf Naxos* de R. Strauss, e São Pedro, em *A Lua* de Carl Orff. Em 2022-2023, destaque para o papel de Ambrosio, em *Die drei Pintos*, de Carl Maria von Weber, com a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig. Como solista de concerto interpreta um vasto repertório de obras-primas, desde o Barroco até à música contemporânea. Em 2022 estreou-se no Festival Bach de Montreal, sob a direção de Masaaki Suzuki. Outras importantes colaborações incluíram a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Sinfónica da Rádio da Baviera e a Staatskapelle Dresden. Em abril de 2023 estreou-se com a Filarmónica de Berlim e o maestro Kirill Petrenko. A sua discografia inclui colaborações em mais de vinte obras de concerto e óperas.

Coro Gulbenkian

O Coro Gulbenkian foi fundado em 1964 e conta atualmente com cerca de 100 cantores. Atua em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos e também *a cappella*. Para além das apresentações regulares na Fundação Calouste Gulbenkian e das digressões em Portugal, apresentou-se em numerosos países e prestigiosos palcos em todo o mundo. Interpretou, em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros e é um convidado regular de prestigiadas orquestras mundiais. Gravou um repertório diversificado para várias editoras discográficas, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XXI. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais, tais como, o Prémio Berlioz da Academia Nacional Francesa do Disco Lírico, o *Grand Prix International du Disque* da Academia Charles Cros e o *Orphée d'Or*. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são atualmente desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

SOPRANOS

Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura Carla
Frias
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Mónica Santos
Sara Afonso
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Joana Esteves
Joana Nascimento
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Marta Queirós
Michelle Rollin
Rita Tavares

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Francisco Cortes
Gerson Coelho
João Pedro Afonso
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Simão Pourbaix

BAIXOS

Afonso Moreira
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Miguel Jesus
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Tiago Batista

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Alexandra Gouveia 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Elizabeth Lucy Kicks 2º SOLISTA*
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
Pedro Freire 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*
Ricardo Vitorino 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

ÓRGÃO

Fernando Miguel Jalôto 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes
Ricardo Pereira

**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. Isto é crescer com a cultura.



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

